



FORMAÇÃO TERRITORIAL DE CACHOEIRA E SÃO FÉLIX-BA: A GEOMORFOLOGIA COMO PROCESSO CONDICIONANTE.

Ana Acácia Ribeiro Silva.
Mestranda em Geografia - UFMG
acacia.geo@hotmail.com

RESUMO

Cachoeira e São Félix são pequenas cidades do Recôncavo Baiano que possuíram o processo de formação territorial ligado ao desenvolvimento do Brasil colônia, pois foram uns dos primeiros adensamentos urbanos a se estabelecerem no estado. Grande parte dos estudos desenvolvidos sobre a formação territorial da Bahia e conseqüentemente da cidade de Cachoeira levam em consideração, sobretudo os aspectos sociais e econômicos como condicionantes desse processo. Contudo o espaço geográfico é composto tanto de elementos naturais quanto humanos, neste sentido este artigo desenvolve um estudo à cerca da formação territorial de Cachoeira e São Félix, considerando tanto elementos físicos como os sociais, condicionantes desse processo. Para atingir os objetivos dessa pesquisa, foi necessário desenvolver um trabalho de teor geo-histórico, influenciando o resgate de documentos antigos, análises de mapas, croquis, e tantos outros elementos que fizessem compreender o espaço de outrora e só assim relacioná-los com os elementos naturais presentes no local. Os resultados nos mostram que a geomorfologia teve papel importante no cenário de formação territorial das cidades de Cachoeira e São Félix até meados do século XIX.

Palavras chave: Cachoeira-Ba. São Félix-Ba. Formação Territorial. Geomorfologia.

INTRODUÇÃO

A Bahia constitui o maior estado da região nordeste do Brasil e possui grande importância cultural, turística e econômica, pois foi onde se deu início o processo de colonização brasileira. Historicamente os seus aspectos sociais e econômicos foram pilares fundamentais para explicar como se deu a organização espacial de seu território, como exemplos têm trabalhos desenvolvidos por Silva (1989); Zorzo (2001), Alcoforado (2003), Santos (2010), Porto (2014). No entanto e apesar de nesse começo da formação territorial do Brasil (séculos XVI, XVII e XVIII) os aspectos naturais, incluindo geomorfológicos, terem sido fundamentais na definição da ocupação de uma área, nenhum desses trabalhos se deteve com maior atenção na importância do relevo para a formação histórica do estado baiano. Tal fato constitui uma lacuna nos estudos acerca da formação territorial desse estado, uma vez que



o espaço geográfico, como objeto de estudo da Geografia, engloba as relações tanto físicas quanto humanas.

A pluralidade dos elementos naturais presentes no estado, bem como a heterogeneidade geomorfológica, nos faz supor que estes elementos também tiveram papel fundamental, principalmente nos primeiros anos de formação territorial do estado. Sendo a Bahia um estado de expressiva extensão territorial, foi necessário afunilar a pesquisa e direcioná-la para duas cidades específicas, mas que dentro do contexto histórico possuíam grande protagonismo no desenvolvimento do estado da Bahia.

Dessa forma, o presente trabalho objetiva compreender como a geomorfologia influenciou a formação territorial das cidades de Cachoeira e São Félix nos séculos XVI, XVII, XVIII e XIX. A decisão quanto ao recorte temporal histórico para o desenvolvimento deste artigo foi definido com base na tese desenvolvida por Porto (2014) o qual afirma que grande parte das principais cidades da Bahia existentes no momento atual já estavam estabelecidas como vilas ou assentamentos humanos densos até o final do século XIX. Além disso, acredita-se que nos primeiros século de colonização, os elementos naturais tiveram mais influência no que diz respeito a formação e ocupação territorial.

Ao desenvolver uma pesquisa à cerca da formação territorial da Bahia, foi perceptível que os trabalhos publicados até então consideraram, sobretudo elementos intrínsecos a Geografia Humanista. Por este motivo surgiu a necessidade de desenvolver um trabalho de cunho geográfico totalizante e foi a partir deste ponto que iniciaram as buscas por elementos históricos que remontassem o cenário das cidades de Cachoeira e São Félix no Brasil colônia.

Os principais procedimentos adotados para a execução deste artigo consistiram na revisão bibliográfica, uma vez que o objetivo primordial era fazer um remonte histórico do processo de formação territorial da área de estudo, considerando elementos geomorfológicos nesse transcurso. O trabalho aqui apresentado baseou-se na busca por obras que até então já haviam sido apresentadas sobre a temática (formação territorial), além de elementos históricos comprobatórios das decisões e movimentações sociais, econômicas, culturais e políticas que marcaram o intervalo temporal abordado neste estudo. Para tanto foi feito uso de documentos



antigos, cartas, mapas, croquis, fotografias e também fontes bibliográficas publicadas na época. Foi realizado um trabalho de varredura minuciosa nos arquivos públicos das cidades de Cachoeira-BA e São Félix, bem como nas bibliotecas da Universidade Estadual de Feira de Santana; Universidade Federal da Bahia e Universidade Federal do Recôncavo Baiano. Também houve buscas virtuais de bibliografias atuais e históricas que utilizaram a mesma relação entre elementos naturais e organização espacial com objetivo de compreender como se desenvolveu este arranjo em outros territórios. Além disso, foi necessário buscar materiais que caracterizassem os elementos naturais presentes no município, a fim de que fosse possível realizar uma relação desses elementos com as escolhas e decisões políticas, econômicas e sociais que ilustraram o processo de formação territorial de Cachoeira e São Félix. Paralelamente e de forma complementar, foram realizados trabalhos de gabinete e sensoriamento remoto que visavam verificar como os elementos geomorfológicos influenciaram na ocupação histórica desse território, resultando na produção de mapas, tratamento de fotografias e elaboração de quadros síntese. Por fim, a compilação dos dados e a relação das informações coletadas culminaram na produção deste artigo científico.

PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL DE CACHOEIRA E SÃO FÉLIX-BA.

Sabe-se que ocupação do Brasil se deu primeiramente pelo litoral, por causa das riquezas naturais oferecidas pelo Bioma Mata Atlântica (hoje quase todo devastado) e pela proximidade com a única via de contato político e comercial que se tinha com o exterior: os portos marítimos. Contudo, existia a necessidade de expandir o processo exploratório, a fim de suprir as necessidades financeiras da metrópole (Portugal). Dessa forma, a inserção do colonizador no interior do território brasileiro, se fazia necessária.

O desenvolvimento do Brasil era algo almejado por Portugal e para tanto foram enviadas expedições colonizadoras com o intuito de incentivar e distender a produção de cana-de-açúcar influenciando a ocupação do interior do Brasil. D. João III disponibilizou então a concessão de sesmarias aos que tivessem interesse em produzir em terras férteis,



recém-descobertas, na condição que tivessem recursos financeiros capazes de desenvolver a produção açucareira nas terras doadas.

Em 1531 chega à Bahia a expedição de Martin Afonso de Souza, que seguiu viagem pouco tempo depois, contudo deixou nas terras baianas o nobre Paulo Dias Adorno, o qual adquiriu terras no Recôncavo Baiano e instalou um engenho de cana-de-açúcar na margem esquerda do Rio Paraguaçu (FERREIRA, 1958). Em sua fazenda foi construída uma capela para Nossa Senhora do Rosário (atual Capela d’Ajuda) em torno da qual se desenvolveu rapidamente um povoamento em função da economia açucareira que daria origem à Vila e Freguesia de Nossa Senhora do Rosário do Porto de Cachoeira. Rosário (2005) assinala que o nome Cachoeira surgiu a partir da denominação dada à região pelos índios, que na linguagem deles queria dizer “mar grande”, pela quantidade de águas e largura do rio Paraguaçu.

O rio Paraguaçu, primeiro acesso ao interior do Recôncavo Baiano, possui sua nascente na Serra do Sincorá (Chapada Diamantina) mais especificamente no município de Barra da Estiva e sua foz encontra-se na Baía de Todos os Santos. Com 520 km de extensão, depois do rio São Francisco, é o maior rio da Bahia. Por estar situado numa área estuarina, há poucos quilômetros de sua foz, sofre influencia das marés. Foi e ainda é a fonte de renda de muitos moradores, de onde eles retiravam grande parte de sua alimentação e excedente destinado ao comércio nas feiras livres, tão comuns no interior baiano. Perfeitamente navegável, era através dele que se transportavam os produtos agrícolas da região. Rosário (2005) afirma que a descoberta do rio é atribuída à Cristóvão Jacques, comandante da 1ª expedição guarda-costa do Brasil, ocorrida em 1526.

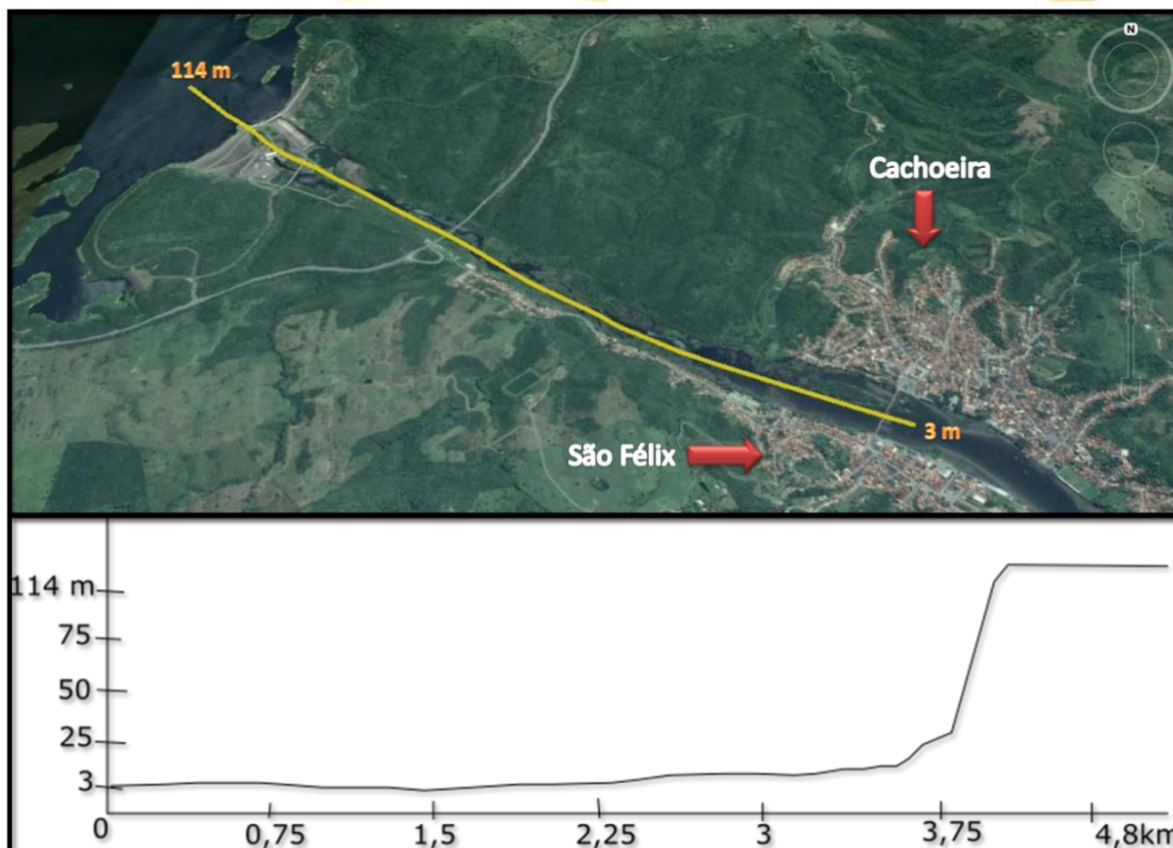
Cachoeira foi uma das primeiras localidades do Recôncavo Baiano a serem conquistadas. Essa cidade está localizada no vale do rio Paraguaçu e foi um próspero território no qual a produção açucareira tomou um ritmo acelerado. Santos (2010) registra que no findar do século XVI já estavam instalados cinco engenhos de açúcar na vila de Nossa Senhora do Rosário do Porto de Cachoeira. Esse crescimento da produção açucareira é fruto dos solos de “massapê” da região do vale: possui cor escura, é muito fértil e propício ao plantio da cana-de-açúcar.



É importante ressaltar que concomitante ao crescimento que Cachoeira ia adquirindo, outro adensamento populacional surgia na margem direita do rio Paraguaçu em frente à Cachoeira: o vilarejo de São Félix. A ocupação territorial desse vilarejo se deu pelos mesmos motivos que aqui já foram assinalados quanto processo de formação territorial de Cachoeira, isto é, São Félix surgiu e cresceu graças ao rio Paraguaçu que, largo e navegável, constituía o caminho natural para a entrada e colonização do interior baiano.

Além de evidenciar a importância do Vale do Paraguaçu, a vitalidade do rio e a fertilidade dos solos encontrados na região, não podemos deixar de apontar o relevo como influenciador desse processo. O ponto no qual se deu o desenvolvimento da primeira povoação do Recôncavo Baiano é o limite, imposto pelo relevo, de navegação e adentramento das embarcações no rio Paraguaçu. Cachoeira se desenvolveu justamente no ponto final de penetração pelo rio, uma vez que o prosseguimento através desta via era impossibilitado pela elevação do relevo com uma diferença de aproximadamente 110 metros. Na Figura 01 podemos visualizar o perfil de elevação traçado desde o adensamento urbano de Cachoeira até o ponto limite de adentramento através do rio Paraguaçu.

Figura 01- Perfil de elevação traçado desde Cachoeira e São Félix até o limite de adentramento através do rio Paraguaçu.



Fonte: Elaborado a partir de dados do Google Earth. (AUTORA, 2016)

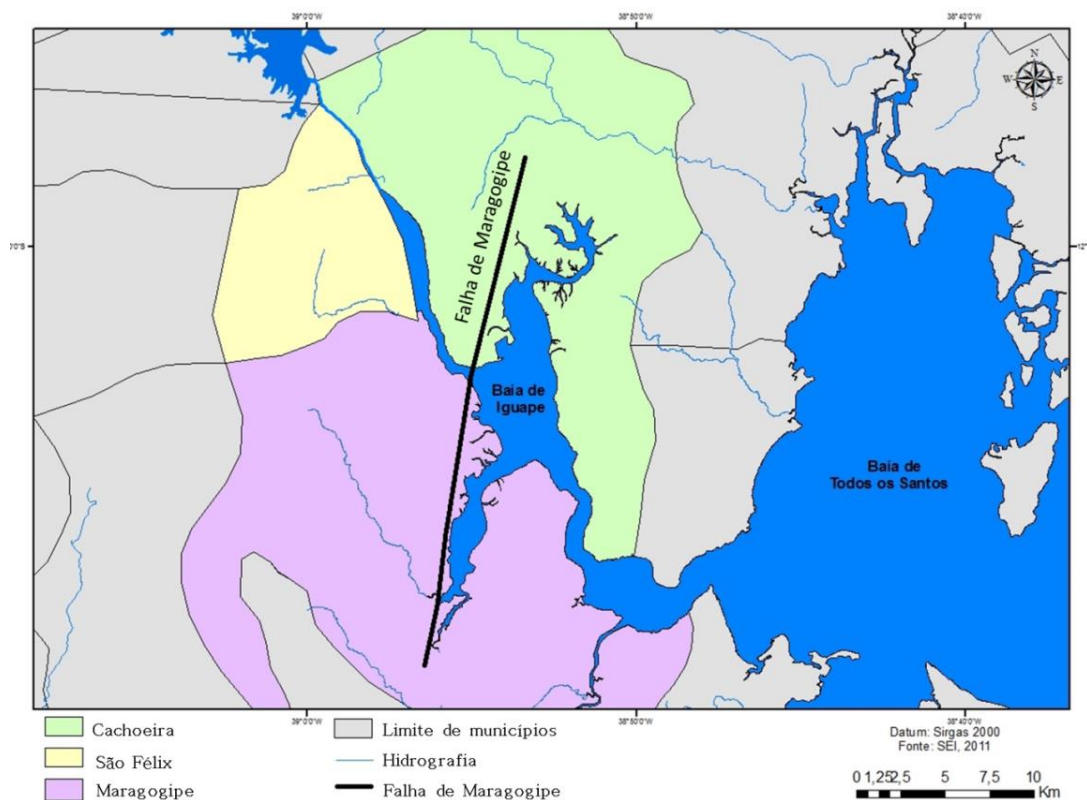
É de conhecimento geral que as principais civilizações do mundo se desenvolveram às margens dos rios, no tocante à formação territorial do estado baiano não foi diferente. A ocupação do Vale do Paraguaçu foi, sem dúvidas, uma excelente escolha econômica, contudo condicionada pela morfologia natural da região e pela existência de solos férteis. Baseado nessa percepção, Porto (2014) afirma que a morfologia do relevo e a existência de corredores de água foram os primeiros fatores a condicionar a estruturação da rede de localidades na Colônia e, por conseguinte, na província.

Os engenhos que se instalaram no recôncavo baiano não se concentravam somente nesse ponto limiar, no qual se tornou o principal conglomerado urbano do recôncavo. Santos (s.d.) nos revela que pelo menos três grandes engenhos se instalaram mais ao Sul dos atuais



limites municipais de Cachoeira, onde localiza-se a Baía de Iguape¹ (Figura 02). Os colonizadores que navegavam o rio durante o século XVI, buscavam sempre locais de fácil acesso para instalar seus engenhos, sendo as margens da Baía de Iguape um excelente ponto fixação e desenvolvimento da agricultura açucareira, visto que a vastidão da baía facilitava o escoamento de mercadorias e o adentramento de embarcações de grande porte, fundamentais para o transporte dos produtos em direção à Salvador e metrópole.

Figura 02 - Localização da Baía de Iguape com indicação da Falha de Maragogipe.



Fonte: AUTORA, 2016.

¹ A Baía possui esse nome por estar às margens do povoado de Santiago do Iguape. Caracterizado como uma pequena vila de pescadores e pequenos agricultores quilombolas, pertencente ao município de Cachoeira, localizada na margem esquerda da Baía do Iguape.



A Baía de Iguape foi formada pela presença de uma falha geológica denominada Falha de Maragogipe, uma vez que o rebaixamento da parte inferior da falha propiciou uma área de alagamento próxima à foz do rio Paraguaçu. Genz (2006) afirma que a Baía possui uma área total de 76,1 km² com profundidades que variam de 5 até 18 metros. A presença dessa Baía com águas profundas, margeada com solos férteis também foi um fator crucial para o desenvolvimento e ocupação do que viria a se tornar o município de Cachoeira. Engenhos de grandiosa importância econômica para a ascensão do recôncavo foram instalados aos arredores dessa baía (Figura 03):

Figura 03: Tabela com os principais engenhos instalados nos arredores da Baía de Iguape no período do século XVI – XIX.

NOME	SÉCULO	CARACTERÍSTICAS
Engenho Velho do Paraguaçu	XVI	Um dos primeiros engenhos a se instalar nos arredores da Baía do Iguape. Construiu uma capela (único resquício existente do engenho) em homenagem à Nossa Senhora da Penha no topo de uma encosta de onde se tem uma bela visão do rio Paraguaçu e era utilizada também na vigilância de eventuais invasores.
Engenho da Ponte	XVII	Engenho de grande destaque econômico até o século XIX. Atualmente possui somente a Capela de Nossa Senhora da Conceição, conservada graças às iniciativas da comunidade tradicional que habita a região.
Engenho da Vitória	XIX	Implantado por Pedro Rodrigues Bandeira, foi palco duma rebelião de negros que formaram um quilombo próximo a Cachoeira. Foi um dos mais prósperos engenhos do recôncavo até metade do século XX.
Engenho Campina	XIX	Adquirido pela família do comendador Aristides Novis em 1898 é o único que mantém até hoje as características da época. Composto por fábrica, casa grande e uma capela.



Fonte: Tabela elaborada a partir das informações extraídas de ROSÁRIO, 2005.

Nesse contexto, o Recôncavo baiano foi o local de grande expressividade econômica do interior da Bahia, Cachoeira assumiu tamanha notoriedade que era a segunda cidade mais expressiva, ficando atrás somente da capital Salvador. Autores como Andrade (2009), Araújo (2010), Santos (2010), Porto (2014) e Fernandes e Oliveira (2014) salientam a importância dessa região durante o período colonial. Devemos levar em consideração que o Recôncavo Baiano encontra-se ainda muito próximo do litoral e suas terras sendo banhadas por grande quantidade de rios, facilitaram o acesso dos colonizadores.

Cachoeira tornou-se o local para onde os senhores de engenho almejavam se instalar. À medida que a vila ia se desenvolvendo, outras culturas foram surgindo e dando força ao poderio econômico do Recôncavo, como exemplo temos a produção de fumo que ainda hoje se conserva como o melhor do interior do estado, alimentando ainda a exportação. Além da expressividade econômica Cachoeira passou a possuir também vivacidade política² tanto que a Vila foi foco de onde partiram as lutas armadas contra os portugueses pela independência do Brasil. Santos (s.d.) afirma que no dia 25 de Junho de 1822, antecipando o Grito do Ipiranga, Cachoeira já proclamava o príncipe D. Pedro I como regente. Mas foi em 2 de Julho do ano seguinte, em meio às lutas armadas que partiram de Cachoeira que a Bahia tornou-se independente da tirania dos portugueses, consolidando a independência do Brasil.

A urbanização e desenvolvimento do Recôncavo Baiano não se limitaram aos casos de Cachoeira e São Felix. Andrade (2009) mostra a importância da rede de drenagem no Recôncavo Baiano, para diversas comunidades que começaram a brotar em virtude do atrativo hídrico, bem como pela descoberta dos solos de “massapê” que se faziam presentes na região. Além disso, dá mostras de que os povoados existentes no Recôncavo em meados do século XVII estavam completamente condicionados aos cursos fluviais, muito bem

²Um fato interessante é que, desde o ano de 2007, a sede administrativa do Governo do estado da Bahia é transferida para a cidade de Cachoeira, no dia 25 de junho. A data marca o início das lutas pela independência da Bahia, que culminaram com a independência do estado no dia 2 de julho de 1823. O ato cumpre o que está previsto na Lei 10.695/07, aprovada pela Assembleia Legislativa da Bahia e sancionada pelo governador Jaques Wagner.



distribuídos por essas terras. As serras por sua vez representavam limites de adentramento para o interior.

Todos os produtos gerados no Recôncavo Baiano eram transportados através do rio Paraguaçu e alcançavam o Porto da Bahia, onde está a atual cidade de Salvador. As principais mercadorias eram produtos alimentícios, o que evidencia que Salvador, uma das maiores cidades do Hemisfério Sul, dependia do Recôncavo para ser abastecida. O intenso movimento de barcos e saveiros (contabilizados em mais de cem viagens semanais) transportando a produção nativa e, na volta, levando para as vilas e povoações as mercadorias de Portugal fazia com que cidades como Cachoeira fossem importantes entrepostos comerciais. Essa atividade econômica fez do Recôncavo Baiano uma das regiões mais importantes durante o Brasil Colonial.

Num documento enviado pelo governo da Província ao Conselho Ultramarino (órgão da estrutura do Reino de Portugal encarregado de administrar as colônias), no ano de 1797, podemos perceber a movimentação comercial e a dependência hídrica tida pela coroa no escoamento das mercadorias que influenciou o processo de ocupação do Recôncavo:

Assim como os moradores do Porto chamam Barra de terra aos produtos que recebem pelo rio Douro e chegam ao seuscaes; semelhantemente pode a Bahia chamar Barra de terra ao que lhe vem do seu dilatado recôncavo e continente, embarcado nas costas e rios de Itaparica, Saubará, Santo Amaro, S. Francisco, Goiba, Paraguai Mirim, Loreto, Madre de Deus, Santo Estevão, Passé Maré, Cotegipe e outros em tal fôrma que seguramente se podem contar mais de 100 transportes por semana que de todas estas partes chegam aos caes da cidade, todos de barra dentro, com caixas de assucar, rolos de tabaco, toda a qualidade de viveres, louça vermelha, e vidraça, telha, tijolo, madeiras, piaçabas e outros muitos gêneros de primeira necessidade e de comercio interior, formando hum todo de muitos centos de mil cruzados que a cidade lhe retribue em mercadorias de Portugal, que vae fazer um segundo e terceiro commercio pelas villas e povoações do continente e em moeda corrente para balancear a exportação com a importação”. (ANAIS DA BIBLIOTECA NACIONAL, 1914, p. 180)³

³ Esse documento é intitulado como “**Descrição das embarcações e transportes que fizeram a navegação no ano de 1797, do interior da Capitania para o porto da Bahia**” cujo inteiro teor se encontra arquivado na Torre do Tombo, em Lisboa. Foi publicado nos Anais da Biblioteca Nacional, edição Nº 36, publicada em 1914, no qual consta o Inventário dos Documentos relativos ao Brasil existentes no Archivo de Marinha e Ultramar, organizado por Eduardo de Castro e Almeida.



O documento nos revela também a importância de outros rios que banhavam as diversas localidades do Recôncavo Baiano, o que possibilitava a conexão comercial, territorial e cultural dessas localidades com a capital da província, conhecida na época como “cidade da Bahia”.

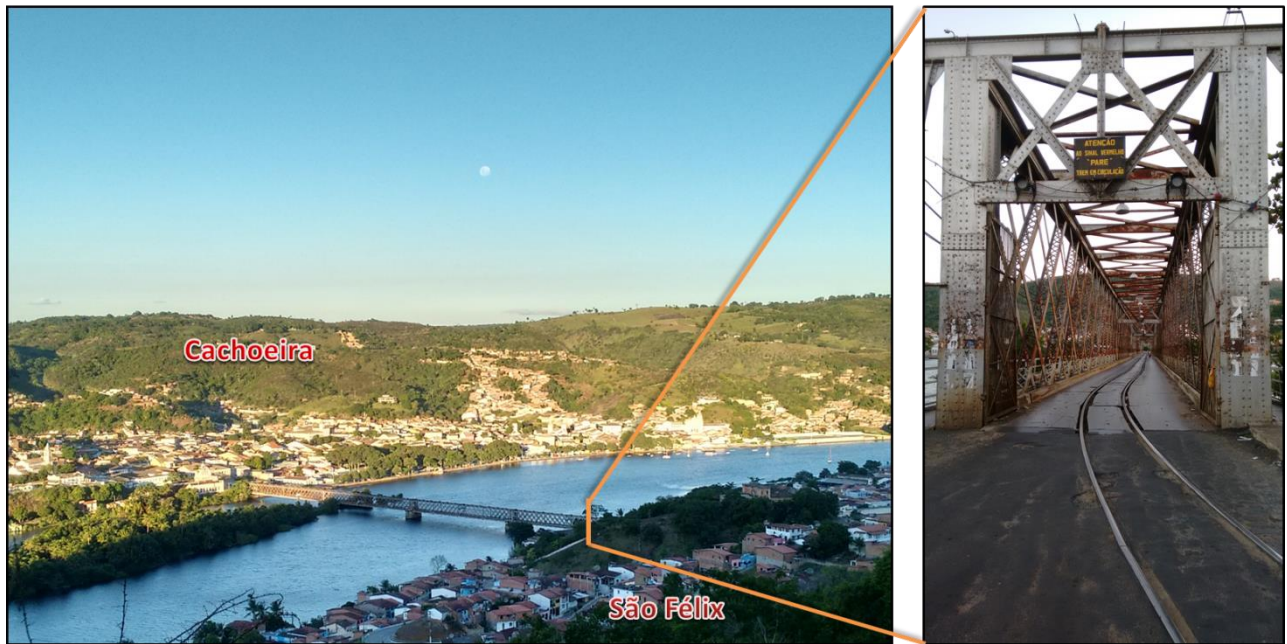
Já no início do século XVIII o Recôncavo Baiano também foi agraciado com a presença do naturalista alemão Friedrich Philipp Von Martius e seu conterrâneo naturalista Johann Baptiste Von Spix os quais realizavam viagens para estudos científicos que iriam abastecer o acervo de museus da Europa. A viagem resultou no livro *Reise in Brasilien*, publicado na Alemanha em 1823. Pirajá da Silva e Paulo Wolff realizaram a tradução do alemão para o português no que diz respeito a parte baiana da expedição, dando origem ao livro “Através da Bahia - Excerptos da Obra *Reise in Brasilien*”. Em seus manuscritos os naturalistas descrevem a importância da riqueza hídrica presente no local para o desenvolvimento da região.

Cheios de alegria e gratidão pela Divina Providencia, descemos do elevado planalto do continente, de muitas centenas de pés de altura, por um caminho íngreme, para o porto de São Félix e achámo-nos á margem do Paraguassú, rio navegável e de grande movimento comercial no limiar do Oceano, distante apenas meio dia de viagem pro mar. O Porto de S. Félix, na margem sul do Paraguassú, representa, por assim dizer, uma parte da grande vila de Cachoeira, situada na margem oposta, e é para essa praça, como também para a Bahia, de grande importância como entreposto comercial. (SPIX; MARTIUS, 1938, p. 75 - 76).

O transporte que realizava a comunicação e a mobilização de mercadorias entre as Vilas de Cachoeira e São Félix eram os saveiros – famosos barcos de importante valor histórico-cultural, considerados hoje patrimônio naval da Bahia. Já no final do século XIX essa conexão passou a ser estabelecida através da Ponte Dom Pedro II (Figura 04), considerada na época uma das maiores obras de engenharia da América do Sul. No centro da ponte foi instalada uma estrada de ferro que ligava o Recôncavo Baiano ao interior do estado, que se conectava também às Minas Gerais. A estrada de ferro facilitou a conexão da capital, do recôncavo e de diversas localidades que iam surgindo no interior da Bahia, uma vez que o transporte de pessoas e mercadorias não necessariamente deveria ser feito através de barcos e nos lombos dos animais.



Figura 04: Ponte D. Pedro II que liga Cachoeira a São Félix, construída no final do século XIX.



Fonte: AUTORA, 2016.

Como podemos perceber, o rio Paraguaçu foi um elemento basal para o desenvolvimento econômico, histórico e cultural do recôncavo baiano, contudo as comunidades ribeirinhas que dependiam do rio, principalmente Cachoeira e São Félix sofreram com algumas inundações destruidoras por conta das cheias na cabeceira do rio Paraguaçu e sobre seus afluentes. Santos (2010) assinala os anos de 1792, 1839 e 1960 (já no século XXI) como as maiores cheias registradas no local. Esse foi um dos motivos pelos quais culminou na construção da Barragem e Usina Hidrelétrica de Pedra do Cavalo (inaugurada em 1985), instalada no ponto de elevação do relevo que no passado determinou o local exato para o desenvolvimento da cidade, há aproximadamente 4 km das sedes dos municípios supracitados.



Dessa forma, a grande explosão de adensamentos urbanos no Recôncavo Baiano ao longo desse século foi condicionada tanto pela presença de elementos naturais favoráveis – rios profundos e navegáveis - quanto de outros elementos naturais desfavoráveis – serras, as quais muitas vezes impediam ou dificultaram o adentramento populacional em algumas porções do interior baiano. Em suma, o Recôncavo Baiano se desenvolveu economicamente condicionado a elementos naturais geomorfológico e pedológico: os cursos fluviais navegáveis que facilitavam a penetração do interior baiano e os solos massapê. Toda a estruturação econômica adquirida historicamente pela região foi, em grande parte, resultado dessa característica. Daí que após a abertura de rodovias no século XX, a região entrou em grande declínio econômico e populacional, pois os cursos fluviais que haviam determinado sua importância econômica se tornaram vias secundárias. Assim, é coerente afirmar que, no caso do Recôncavo Baiano, a geomorfologia foi fator fundamental para explicar a formação geo-histórica desse recorte territorial.

CONCLUSÃO

Os casos aqui estudados apresentam evidentes características de que, no período em foco, a geomorfologia constitui fator essencial no desenvolvimento delas. Dessa forma, ganha força a ideia de que os elementos geomorfológicos foram grandes condicionantes do processo de formação territorial do estado da Bahia. As duas principais cidades do Recôncavo Baiano, principal zona comercial e política do interior nos tempos de Brasil Colônia tiveram seu desenvolvimento diretamente relacionado à existência de densa rede hidrográfica navegável, limitações altimétricas do relevo, que impediam o avanço do adentramento para o interior através do Rio Paraguaçu, delimitando o ponto no qual as cidades se desenvolveram e ainda a presença duma falha geológica (Falha de Maragogipe) que influenciou também na ocupação do território.

Ao que tudo indica, a geomorfologia e a formação territorial guardam conexões estreitas no caso baiano. Este fato abre espaço para considerações mais amplas. A primeira consiste na hipótese provável de que não apenas a geomorfologia, mas outros elementos



naturais tais como solos, vegetação, clima e geologia também devem ter influenciado enormemente o processo de formação territorial da Bahia. Esta hipótese deve ser considerada com rigor em análises futuras. A segunda remete à alta probabilidade de encontrar associação semelhante entre os elementos naturais e o arranjo espacial baiano na formação de outras regiões brasileiras. Ora, se assim for, não é possível entender a formação territorial do Brasil sem considerar seus aspectos ambientais. Apesar disso, certos estudos geográficos, que se voltam à formação territorial do Brasil ou de algumas de suas regiões, negligenciam a importância do meio-ambiente nesse processo. Assim sendo, faz-se importante levar em consideração não somente aspectos socioeconômicos, mas também os ambientais, ao se tratar do desenvolvimento da formação territorial e organização espacial da Bahia e do Brasil. Uma vez que a ciência geográfica é explicada pela junção de características tanto físicas quanto humanas, cuja interação reflete na constituição do espaço.

Por fim, é de extrema relevância salientar que este não é uma produção de cunho determinista, com visões meramente Ratzelianas que vise afirmar apenas a importância do meio físico para a formação do território. Não há aqui o enaltecimento unilateral, levando em conta somente aspectos naturais como decisivos na formação espacial da Bahia. Há, sim, a busca por uma complementaridade de informações que foram importantes para o arranjo do território.

REFERÊNCIAS

ALCOFORADO, Fernando Antonio Gonçalves. **Os Condicionantes do desenvolvimento do Estado da Bahia**. Tese (Doutorado em Planificación Territorial y Desarrollo Regional), Universidade de Barcelona, 2003.

ANDRADE, Adriano Bittencourt. **Redes, caminhos e fluxos no Recôncavo Baiano setecentista**. In: XII Encuentro de Geógrafos de América Latina, Montevideo: easyplanners, 2009.

ARAÚJO, Alessandra Oliveira. **Dinâmica territorial do recôncavo baiano: espacialidade e temporalidade**. Anais XVI Encontro Nacional dos Geógrafos. Porto Alegre, 2010.



FERNANDES, Rosali Braga, OLIVEIRA, Leila Cristina da Silva. **Evolução Econômica do Município de Cachoeira (BA): Do Século XVI Ao Século XXI.** Anais do Simpósio Cidades Médias e Pequenas da Bahia. Barreiras (Ba) – UFOB, 2014.

FERREIRA, Jurandyr Pires. **Enciclopédia dos Municípios Brasileiros.** IBGE, 1958.

GENZ, Fernando. **Avaliação dos Efeitos da Barragem Pedra do Cavalo sobre a circulação estuarina do Rio Paraguaçu e Baía de Iguape.** Tese (Doutorado em Geologia), UFBA, 2006.

PORTO, Gil Carlos Silveira. **Dimensões da Rede de Localidades Centrais da Bahia e a Discussão da Macrocefalia Urbana de Salvador entre 1822 e 2010.** Tese (Doutorado em Geografia) UFMG, Belo Horizonte, 2014.

ROSARIO, Edvaldo Carneiro do. **Cachoeira: uma cidade heroica.** Cachoeira, 2005, 10p. : il.

SANTOS, Marcio Roberto Alves dos. **Fronteiras do sertão baiano: 1640-1750.** Tese (Doutorado em História) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2010.

SANTOS, Cleonice dos. **Cachoeira.** Cachoeira: [s.d., 201?]. 126p: il.

SILVA, Sylvio Bandeira de Melo et al. **Urbanização e metropolização no estado da Bahia, evolução e dinâmica.** Salvador: Centro Editorial e didático da UFBA, 1989.

SPIX, Johann Baptiste von; MARTIUS, Carl Friedrich Philipp von. **Viagem pelo Brasil: 1817-1820.** 4. ed. (1. ed. 1823, 1828 e 1831). Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da USP, 1981.

ZORZO, Francisco Antônio. **Ferrovia e rede urbana na Bahia: Doze cidades conectadas pela ferrovia no sul do Recôncavo e Sudoeste Baiano (1870-1930).** Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, 2001.